

**CENTRO PAULA SOUZA
FACULDADE DE TECNOLOGIA DE FRANCA
“Dr. THOMAZ NOVELINO**

WAGNER ANTONIO DE MELO

**A ORIGEM CALÇADISTA FRANCA:
Um empreendimento direcionado ou fruto do acaso?**

**FRANCA/SP
2014**

WAGNER ANTONIO DE MELO

**A ORIGEM CALÇADISTA FRANCA:
Um empreendimento direcionado ou fruto do acaso?**

Trabalho de Graduação apresentado à Faculdade de Tecnologia “Dr. Thomaz Novelino”, como parte dos requisitos obrigatórios para obtenção do título de Tecnólogo em Gestão da Produção Industrial.

Orientador: Prof^o. Me. Alessandro Ramos Carloni

**FRANCA/SP
2014**

WAGNER ANTONIO DE MELO

**A ORIGEM CALÇADISTA FRANCA:
Um empreendimento direcionado ou fruto do acaso?**

Trabalho de Graduação apresentado à Faculdade de Tecnologia “Dr. Thomaz Novelino”, como parte dos requisitos obrigatórios para obtenção do título de Tecnólogo em Gestão da Produção Industrial.

Trabalho avaliado e aprovado pela seguinte Banca Examinadora:

Orientador: _____

Nome: Prof^o. Me. Alessandro Ramos Carloni

Instituição: Faculdade de Tecnologia “Dr. Thomaz Novelino”

Examinador: _____

Nome: Prof^o. Me. Tadeu Artur de Melo Júnior

Instituição: Faculdade de Tecnologia “Dr. Thomaz Novelino”

Examinador: _____

Nome: Profa. Ma. Silvana Salomão

Instituição: Faculdade de Tecnologia “Dr. Thomaz Novelino”

Franca, 19 de novembro de 2014

Dedico com mais sublime amor, esse trabalho a minha esposa Eunália e a minha Filha Helena, pois através de suas renúncias, um sonho tornou-se realidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me ajudou nos momentos difíceis, dando força para continuar, auxiliando nas minhas decisões, sempre em espírito e alma.

A minha família, que é a minha origem, a minha base, o combustível de motivação para busca dos meus sonhos, em especial a minha mãe Cleuza e mãe-vó Brasilisia.

Ao professor Alessandro meu orientador, que lutou comigo nesta empreitada, pois, sem a sua luz o caminho seria muito mais tortuoso.

Aos meus professores Fatec, sou grato por cada parcela de conhecimento, amizade e cumplicidade, bem como Barbosa, Coutinho e Tosi, por sua imensa contribuição.

Aos irmãos de graduação André, Eliseu, Juliano, Gilmara, Gustavo, Idajares, Janaína, Vinicius, Carina, Shayene, Luciana, Carlos, Geraldo Marcos, Geraldo, Walker a afamada turminha da escória.

Ao meu amigo e irmão Rogério Naques, pelos anos de amizade e cumplicidade que apesar da distância mantém inquebrável.

Aos professores Tadeu e Silvana, pelas importantes contribuições para melhoria deste trabalho.

“Alguns homens nascem grandes,

Alguns alcançam a grandeza e

Outros serão empurrados pela grandeza”

(William Shakespeare)

RESUMO

O empreendedorismo esteve presente na formação da cadeia calçadista francana desde o século XVIII, influenciando os dirigentes até os dias atuais. O tema empreendedorismo é muito debatido na atualidade, assim utilizou-se diversas referências teóricas, tanto históricas quanto conceitos acadêmicos modernos de gestão, relacionando à formação dos empreendedores da cadeia calçadista. O objetivo desta pesquisa foi levantar dados fundamentados sobre o empreendedorismo desde os primórdios do município de Franca. A metodologia utilizada foi um estudo de caso, baseado em um questionário com questões abertas, enviado para alguns pesquisadores do assunto em questão, sendo que posteriormente foi analisado de forma qualitativa. A interpretação dos questionários relacionados à teoria estudada, permitiu analisar os resultados e considerar que o empreendedorismo esteve presente em Franca, tanto direcionado quanto ao acaso, apresentando fatos em comuns entre os pesquisadores, porém com fundamentações divergentes, não permitindo concluir se realmente houve predominância de algum fator em relação a outro. Mesmo entre os pesquisados existem divergências de opiniões, o que os fatos históricos não mostram ou não nos evidenciam.

Palavras-chave: Calçados. Empreendedorismo. Franca. Indústria Calçadista. Samello.

ABSTRACT

Entrepreneurship has been present at the formation of the footwear chain in Franca since the eighteenth century, influencing the leaders to the present day. The topic “entrepreneurship” is constantly debated today, so several theoretical references were used, including both historical and modern academic management concepts, which were related to the backgrounds of the entrepreneurs in the footwear chain. The objective of this research was to gather data based on the entrepreneurship since the beginning of the city of Franca. The methodology used was a case study, based on a questionnaire with open questions which was sent to some researchers of the issue and later analyzed qualitatively. The interpretation of the questionnaires related to the studied theory allowed us to analyze the results and consider that entrepreneurship has been present in Franca. It has been both random and directed, with common facts among researchers but with different bases. So it was not possible to conclude whether there has really been a predominance of some factor over another. Even among researchers there are differences of opinion, and the historical facts do not show or do not make this clear.

Keywords: Shoes. Entrepreneurship. Franca. Footwear industry. Samello.

LISTA DE FOTOS, FIGURAS, GRÁFICOS E QUADROS

Figura 1 – Estrada dos Goiazes	14
Foto 1 - Manejo do Gado no Bairro de Coqueiros	18
Foto 2 - Estação Mogiana (1930)	19
Foto 3 - Calçados Jaguar	24
Gráfico 1 - Café/Estação Franca da Mogiana	20
Quadro 1 – Interpretação das respostas dos entrevistados.....	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O SERTÃO CALÇADISTA DE FRANCA	12
1.1 Estrada dos Goiases e o Entreposto do Sal	12
1.2 Pecuária e a agricultura	15
1.3 O surgimento dos artesões e ou sapateiros.....	20
2. EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO CALÇADISTA	23
2.1 A formação da fase industrial calçadista francana	23
2.2 Os sapateiros.....	27
2.3 Os curtumes.....	28
3. EMPREENDEDORISMO	30
3.1 Conceitos de empreendedorismo	30
3.2 O perfil do empreendedor calçadista francano	31
4. CALÇADOS SAMELO NORTEANDO A INDÚSTRIA CALÇADISTA FRANCANA	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
ANEXOS	47

INTRODUÇÃO

O empreendedorismo foi parte integrante do setor calçadista francano desde seus primórdios, acumulando evoluções ao longo dos anos. O estudo se fez necessários para apurar os fatos e os rumos históricos tomados pelos principais atores locais, relacionando como empreenderam, que de algum modo refletiram no pólo calçadista francano atual, de maneira direcionada ou quem sabe até por acaso.

O objetivo desta pesquisa foi levantar dados fundamentados sobre o empreendedorismo desde os primórdios do município de Franca. A metodologia utilizada foi um estudo de caso através de um questionário com questões abertas, enviado para alguns pesquisadores do assunto em questão, sendo que posteriormente foi analisado de forma qualitativa.

A abordagem do primeiro capítulo foi adornado basicamente em fatores geográficos e econômicos.. A geografia favorável contribuiu para instalação forte entreposto mercantil, quando ainda tratava-se de um sertão, que de acordo com Chiachiri (1986), um lugar desconhecido. O Entreposto do Sal, fundado nesses assentamentos populacionais que se formaram ao longo da principal via de acesso com capital da província, a Estrada dos Goiases, principal via de escoamento de bens primários, couro e bens de necessidades.

A agricultura e a pecuária também tiveram papel efetivo, pois a criação do gado Franqueiro, segundo Tosi (1998), era mais indicado para a região, sendo substituído pelo Zebu em face da chegada dos trilhos da Mogiana. O progresso vindo junto com os trilhos colaborou para a criação da vida urbana, a imigração dos italianos e espanhóis, a capacidade de acúmulo de capital, o surgimento de selarias que fabricavam artefatos de montaria e também os sapatos, além da facilidade logística, como definido por Coutinho (2008), sendo que essa praticidade impulsionou a produção de artefatos de couro.

Os artesões provenientes da prestação de serviços de reparos aos tropeiros, passaram a realizar o seu ofício nas selarias, caracterizando a produção manufatureira, formam as bases do segundo capítulo, que tem ainda como destaque a fase industrial, como principal evento a mitológica fabrica de calçados, conhecida como Calçados Jaguar, sendo a primeira empresa a mecanizar sua linha de produção e conseqüentemente o surgimento da classe industrial, Carlos Pacheco de

Macedo, Antonio Lopes, Hercílio Batista e outros. Essa evolução também permitiu o surgimento do setor coureiro, porém não foi o foco principal desta pesquisa.

Em relação ao terceiro capítulo deste trabalho, a pesquisa foi direcionada para empreendedorismo, com definições, que fez necessário traçar um perfil destes empreendedores, com intuito de se atingir o objeto da pesquisa, classificando-os como empreendedores direcionados ou fruto do acaso.

No último capítulo, aborda-se a Calçados Samello, empresa que norteou o setor fabril calçadista, com a busca de conhecimentos nos Estados Unidos, construção de arquitetura fabril planejada para fabricação de calçados, a fabricação do *mocassin*, método Blake, conforme Barbosa (2006) que utilizava o método de costura para unir o cabedal com o solado, além de reorganizar toda sua produção com esteiras.

Por fim, esse trabalho apresenta considerações finais, referência e anexo, que demonstra a complexidade em definir o empreendedorismo no setor calçadista francano, evidenciando o quanto enriquecedor à questão abordada, pois até mesmo os autores literários divergem quanto a problemática levantada, conforme pode-se verificar nas entrevistas.

1. O SERTÃO CALÇADISTA DE FRANCA

Neste primeiro capítulo será abordado os primórdios que contribuíram para a origem da formação da cidade de Franca-SP, com foco na indústria calçadista, os fatores que auxiliaram a formação econômica, bem como suas estradas, serviços e principalmente o desenvolvimento do progresso Francano.

1.1 ESTRADA DOS “GUAYASES” E O ENTREPOSTO DO SAL

Para o entendimento das origens do pólo calçadista francano, alguns fatores são destacados para sua formação.

A definição de Chiachiri Filho (1986), que sertão, referia-se a um lugar desconhecido, pouco povoado, com iminente perigo de ataques de animais selvagens, índios e etc. A procura pelo ouro em Goiás por Anhanguera e a busca de novos pastos para pecuária mineira, a prestação de serviços aos tropeiros e o progresso com chegada da Mogiana.

Os estudos historiográficos destes fatores fundamentam as origens calçadistas, permitindo um norteamento do estudo e uma compreensão mais fundamentada.

A Estrada dos “Guayases” também denominada “Estrada dos Goiazes” por Barbosa (2006), era a principal via de transporte da produção de bens primários, que ligava a capital da província São Paulo aos sertões de Goiás e Mato Grosso.

Neste sentido Chiachiri Filho (1986), cita que o caminho feito por Anhanguera e mais tarde pelo seu filho, impulsionado pela busca do metal precioso, foi fundamental para desbravamento do sertão do Rio Pardo. Porém sérias dificuldades, além da distância, o desconhecido sertão e mantimentos, e em face dessas incertezas que iriam encontrar pelos caminhos, aonde dormir, descansar, alimentar homens e os muares, fez com que ao longo da “Estrada dos Goyzaes”, fossem criados pequenos e rudes pousos.

Desde o primeiro quartel do século XVII, logo após a descoberta das minas de Goiás pelo Anhanguera II, é que a região começa a ser desbravada e os primeiros núcleos populacionais a serem criados. Cortando o Sertão que se achava entre os Rios Pardo (a oeste) e Grande (a norte), e os indecisos limites da Capitania de São Paulo com a de Minas Gerais (a leste), a “Estrada dos Goyazes” possibilitava afluência de vianjantes, mineradores e negociantes em

direção ao ouro de Vila Boa e seus arredores. Ao longo da Estrada iam florescendo os pousos (CHIACHIRI FILHO, 1986, p. 16).

Neste sentido Tosi (1998), argumenta que os primeiros assentamentos populacionais, praticamente se mantinham através do que produziam e criavam e defendia a terras dos Caiapós, um ponto estratégico, pois abasteciam os viajantes e realizavam comércio, neste caso, de subsistência e provavelmente por meios dos escambos.

A estrada tornou a principal via de ligação ao interior, e rota de transporte da produção por carros-de-bois, conforme Navarro (1998), a estrada ligava a cidade de São Paulo à Vila Boa de Goiás, com trajeto facilitado pelo relevo, favorecendo os carros de boi, que transitavam pela via, mesmo vagaroso, isso era compensado por ser mais econômico do que o transporte efetuado pelos muares (mulas).

Surge o importante entreposto comercial “um destacado entreposto comercial e podiam atender aos viajantes – tropeiros e negociantes”, (COUTINHO, 2008, p. 44). Assim, este cenário se tornou uma grande importância comercial, pois o intenso fluxo de mercadorias enviadas para Campinas e posterior para Santos, eram significativas.

Estas lhe enviavam seus produtos: algodão, toucinho, feijão, queijo, que daí, eram distribuídos. Só de Franca chegavam, naquela época, de quinhentos e setecentos “vagões” que eram remetidos a Santos e Rio de Janeiro, em carretas e tropas de mulas (COSTA, 1998, p. 66 *apud* BARBOSA, 2006. p. 39).

Na volta os meios de transportes, retornavam carregados com sal, ferramentas, ferragens e criando uma importante atividade comercial, o comércio do sal para gado. O forte comércio e o fluxo de negociantes, viajantes e tropeiros, vindo do Sul de Minas, Goiás e Mato Grosso, aqueceram o mercado local.

Por ela, os fazendeiros francanos levavam até Campinas seus produtos – queijos, milho, feijão, rapadura, toucinho... Na volta, os carros de boi vinham carregados de sal, ferramentas, ferragens, panos finos e demais “generos do paiz (COUTINHO, 2008. p. 45) .

A figura 1, demonstra que a Estrada dos Goiazes, partindo de São Paulo e passando pelas cidades que passava, saindo de São Paulo de acordo com Navarro (1998) a estrada passava pelo Sertão do Rio Pardo se estendia por 37 léguas e para São Paulo eram outras 53, perfazendo o total de 90 léguas. Uma légua equivale a 6,6km, ou seja, no sertão do Rio Pardo a estrada estendia por mais ou menos 250km e até capital seriam mais 350km.

As dificuldades enfrentadas para se deslocar até a capital, percorrendo 90 léguas, ou mais ou menos 600km, no século XVIII, por um sertão desconhecido, em busca do ouro, favorecia o surgimento de outras cidades ao longo da estrada que serviam para descanso, abastecimento e economicamente como principal via para escoamento de produção de bens primários para capital e ao porto de Santos.

Como pode-se notar na figura 1, a Estrada dos Goiazes, a cidade que a referida via percorria, sendo da capital São Paulo e findando em Igarapava na divisão com estado de Minas Gerais.

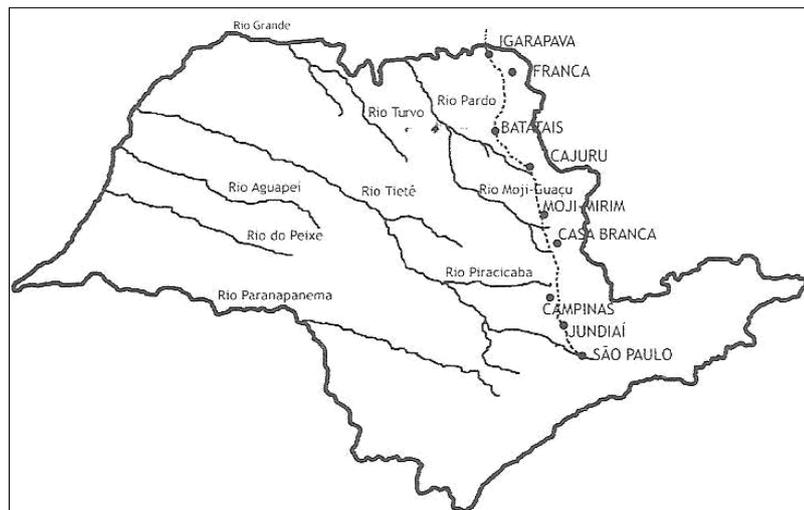


Figura 1: Estrada dos Goiazes.
Fonte: Barbosa (2006).

Um intenso comércio que se estabelece nesta rota, Navarro (1998), confirma ainda mais que através da estrada escoava toda economia de região, e que até o final da década de 1860, essa estrada era o único caminho existente para o transporte do sal, fundamental para o homem e o gado e futuramente para formação do importante entreposto do sal.

As condições geográficas contribuíram para escoamento dos produtos, bem como, o entreposto comercial formado na região de fronteira.

“Primeiramente, a região situava-se na fronteira territorial do nordeste paulista dentro de um espaço que sempre esteve afeto à Capitania de São Paulo, muito bem de marcado pela hidrografia e relevo, sendo sobretudo rota de caminho aberto por bandeirantes; era ainda habitada primitivamente por índios Caiapó ~ pesquisadores encontraram inúmeras igaçabas [umas funerárias de cerâmica] na região, sendo inclusive o nome de uma localidade no extremo norte” mulas (SANTOS, 1970, p.50 *apud* TOSI, 1998 p. 22).

Barbosa (2006) enaltece ainda mais o Entrepasto do Sal, sendo que devido a importância econômica do comércio fica conhecido com Sal de Franca, com mais qualidade que o retirado da terra, vindo do porto de Santos, que abastecia Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

Foram estas modalidades de unidades produtivas com seus vários graus de prosperidade - que se formaram ao longo da Estrada de Goiás; à medida em que os transportes foram evoluindo da tropa para a boiada e, destas para os carros de boi, a Estrada Real passou a ser denominada a Estrada do Sal (TOSI, 1998 p. 37).

Foram vários fatores determinantes, como Estrada dos Goyazes, importante corredor para escoamento da produção primária e aquisição de bens de necessidade e o Entrepasto do Sal, com a força econômica aquecida pelos tropeiros das regiões adjacentes, agricultores que movimentavam a economia pelo comércio.

No sentido de povoamento, para Chiachiri Filho (1986), houve influência dos paulistas, motivada pela busca do ouro com âmbito de exploração e busca das minas de Goiás, enquanto a mineira, que através da pecuária, povoava de forma colonizadora, com foco em novas pastagens para engorda do gado para comércio.

1.2 PECUÁRIA E A AGRICULTURA

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, e com a crise na economia açucareira, provocou uma acentuada procura ao ouro, mais precisamente ao ouro de aluvião¹, já que para exploração deste metal precioso não requeria grandes investimentos, permitindo a qualquer pessoa desafortunada iniciar a procura nas margens dos rios.

“Ao contrário dos engenhos, a mineração era acessível aos sem-recursos”, e ilustrando mais, na mesma página o autor utilização a citação“ pois se explorava o metal de aluvião depositando nos leitos e nas margens dos rios e não grandes minas” (COUTINHO, 2008. p. 23).

Com a fácil adesão ao ofício do garimpo em buscar do ouro de aluvião, e por tratar de pessoas na maioria, desprovidos de recursos, a necessidade de alimentação desses trabalhadores, não poderiam locomover as longas distâncias.

¹ Ouro encontrado nas margens de rios

Esses fatores propiciaram o surgimento de impolidas fazendas de lavouras e criação de gado, permitindo de maneira mais cômoda e rápida de suprimir essa necessidade.

“Levantada uma casa coberta de palha, feitos uns toscos currais e introduzido o gado (*formar os cascos*, como se dizia), estão povoadas três léguas de terra e formada uma fazenda. Dez ou doze homens constituem o pessoal necessário” (PRADO JÚNIOR, 1971 *apud* COUTINHO, 2008, p.23).

Diante desta dificuldade, a instalação de fazendas voltada para a criação de gado, principalmente na divida das colônias, precisamente no Sul de Minas, tendo como pontos positivos a geográfica do terreno e os recursos naturais beneficiaram criação dos rebanhos.

“Embora a regra fosse criar gado e plantar lavouras em áreas contíguas às mineradores, é na bacia do Rio Grande–Comarca do Rio das Mortes ou Sul da Minas, que se formam os maiores rebanhos bovinos da colônia, mais pela fartura de águas e boas pastagens” (COUTINHO, 2008, p. 24).

Quando um mercado entra em crise, a tendência é que outro se destaque, proporcionando mudanças de segmentos ou até mesmo da posição geográfica, como ocorrerá com a migração das fazendas do sul da Bahia e vindo para Minas Gerais, e com fim do ciclo ouro, e inexpressiva exploração na Região do Rio das Mortes (Sul de Minas), e partir de 1802 passaram a ocupar o território francano, conforme depoimento de José Chiachiri Filho.

“Em fins do século dezoito, encerrado o ciclo do ouro, os criadores mineiros começam a descer a serra da Mantiqueira, “indo estabelecer-se em São Paulo, na região de Franca a Moji-Mirim” de acordo com Caio Prado Júnior. No entanto, segundo José Chiachiri Filho, que estudou detalhadamente essa migração, os criadores instalam-se primeiro em Desemboque (hoje distrito de Sacramento) – onde havia um descoberto de ouro – depois em Araxá e no Sertão da Farinha Podre (Uberaba e arredores, no atual triângulo mineiro). A partir de 1802 iniciam a ocupação do território francano(COUTINHO, 2008, p.26).

Porém para Tosi (1998), a vinda do rebanho mineiro motivado pela mudança da capital federal para Rio de Janeiro, era a rota mais curta através do planalto francano para poder chegar a corte. Ademais segundo o autor, houve um contrabando de pedra preciosas, na região do Desemboque, através de caminhos alternativos, porém este extrapola nosso foco de pesquisa.

A atividade pastoril relaciona também com as condições geográficas, pois como citado acima por Coutinho (2008), as boas pastagens e fartura de água, favoreciam atividade pastoril, neste horizonte Tosi (1998), fala da importância do “capim mimoso”, que era excelente para recuperação, alimentação e ganho de peso do rebanho, ao ponto de conotações culturais locais.

O sal vendido pelos comerciantes ficou conhecido como o sal francano, as pastagens predominantes em Franca ficaram para a historiografia local como "o capim mimoso". ao passo que, na realidade, as forragens e o gado daí proveniente – sendo esse último consumido nas localidades mais populosas, ficaram vulgarizados pelas respectivas denominações: a “gramma franqueira” e o “gado franqueiro” com conotação ocupacional que beirava o pejorativo (TOSI, 1998, p. 51)

O gado criado em Franca era conhecido como Franqueiro ou Pedreiro e também como Junqueiro conforme Tosi (1998), sendo que era um gado corpulento e maior que Zebu, que tinha como um dos destaques seus longos chifres, como citação abaixo

. "Há, ainda, a se considerar, não só o enorme *stock* bovino dos sertões interiores de Goiás, Mato Grosso e Piauí, cuja saída e consumo não correspondem à produção, como também o número de rezes em estado selvagem ou sem dono, que vivem nas chamadas 'bravesas dos rincões do Brasil Central, proliferando admiravelmente .

... *Franqueiro* ou *Pedreiro*, também conhecido por Junqueira caracteriza-se primeiramente pelos formidáveis chifres que em certos indivíduos, como há exemplo em Mato Grosso e Goiás, medem 4 palmos de envergadura. Um dos cornos do franqueiro tem capacidade para 5 a 6 litros ..

Vai se fazendo cada vez mais raro, tendo, no entanto, apresentado outrora exemplares de mais avantajada corpulência e peso, maiores e mais pesados que os mais gigantescos Zebus vindos ao Brasil. .. têm-no como uma raça de formação espontânea em S.Paulo, município de Franca " (**Brasil**. IBGE. O Brasil suas riquezas naturais suas indústrias. *Oncit_ pA16 e segs apud* Tosi, 1998, p. 52).

Porém, com a chegada dos trilhos da Mogiana na região, o gado Franqueiro começa a entrar em declínio, vindo o Zebu com a preferência, tendo como característica os chifres pequenos, portanto, mais fáceis de acomodar nos vagões, pois o Franqueiro ocupava mais espaços, devido seus cornos, além de maior tempo para recria, finalizando, o revés do clima desfavorável para esta raça pastoril de acordo com Tosi (1998).

Na foto 01, cedida pelo Museu Municipal de Franca, mostra um rebanho de gado sendo manejado no Bairro dos Coqueiros em 1904, (atualmente a Avenida Champagnat) possivelmente Franqueiros, adornados com os seus grandes chifres.



Foto 01 - Manejo do Gado no Bairro de Coqueiros.
Fonte: Museu Municipal de Franca-SP.

Quanto à agricultura a o cultivo “gêneros do paiz”, os bens primários que eram transportados pelo carros-de-bois, porém atemos com o café, que historicamente obteve um papel fundamental em Franca, tanto economicamente quanto socialmente.

Segundo Tosi (1998), o café permitiu a vinda de imigrantes italianos e espanhóis, que trabalhavam com contrato de colonato. O fazendeiro cedia suas terras para formar novas plantações e uma parte era destinada ao imigrante para plantio de alimentos para sua subsistência e o excedente para comercialização. Esse tipo de contrato, permitia que o contratado (imigrante) tivesse uma perspectiva de acumular algum capital, sempre com o fazendeiro como intermediário em suas ambições básicas, social ou aquisição a terra.

Com a expansão da cafeicultura e a contratação dos imigrantes, um novo cenário surge, pois com os trabalhadores assalariados impulsionando a economia urbana “Os novos mercados formados pela cafeicultura, somados à facilidade de escoamento pela rede ferroviária, impulsionaram a produção de artefatos de couro”, conforme relata Coutinho (2008, p. 63).



Foto 02 - Estação Mogiana (1930).
Fonte: Museu Municipal de Franca.

Com os trilhos da Mogiana ganhando espaço considerável como corredor de escoamento da produção dos bens primários, como o café e na aquisição de bens de necessidades, o modal rodoviário por carro de bois (estacionados ao lado da Estação, foto 2), não foi totalmente abandonado, pois eram utilizados de forma mais provinciana fazendo o trajeto dos produtos trazido através da via férrea até as fazendas e cidades próximas à estação, o que anteriormente ocorria na Estrada dos Goiazes, porém o percurso finda na estação férrea aonde descarregavam o os seus produtos e retornavam com os bens de necessidade, atuando como centro de distribuição.

“Esses carros ainda eram indispensáveis para transportar produtos da fazenda à estação ferroviária à cidade (couros crus, inclusive salgados, que continuavam produzindo), fazenda distantes, localizadas em Igarapava, Sacramento e Uberaba...(COUTINHO, 2008, p. 63).

O gráfico 1 demonstra a importância da exportação cafeeira, a quantidade de toneladas de café, que era de maneira modesta em 1888, seguindo crescente nos decorrentes anos.

Outro dado importante, que pode-se verificar nos gráficos, a partir do ano 1897, é que a produção cafeeira sempre manteve-se acima da 4.000 toneladas, até atingir seu ápice em 1907, que a produção alcançou o patamar de 12.000 toneladas de café, que circulavam na Estação da Mogiana em Franca.

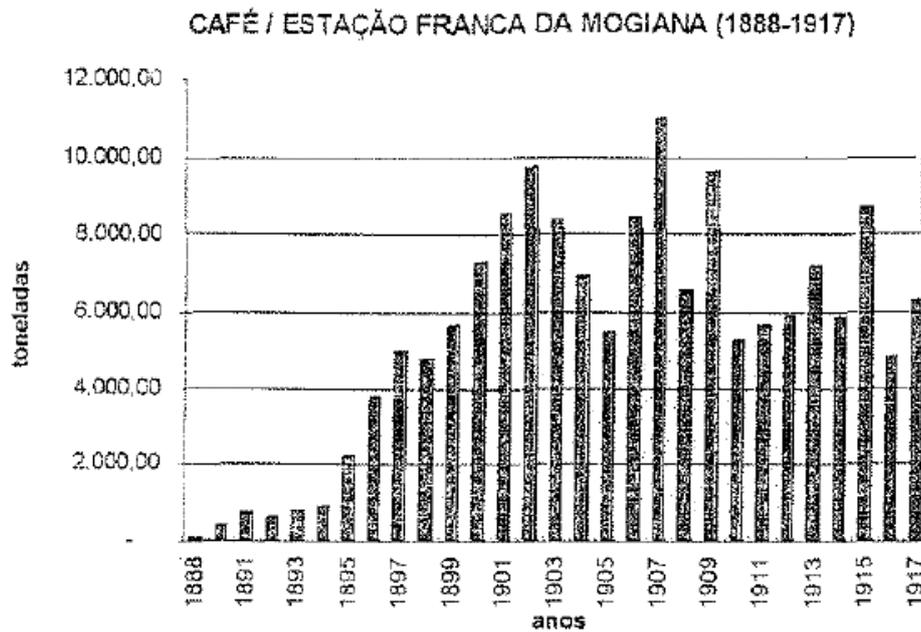


Gráfico 1: Café/Estação Franca da Mogiana (1888-1917)
Fonte: Tosi (1998)

A chegada da malha férrea dinamizou a economia local, com a movimentação dos bens e o progresso, com a imigração permitindo o acúmulo de capital, a economia mercantil urbana começa a dar os seus passos, galgando para o surgimento de ofícios e comércios.

1.3 O SURGIMENTO DOS ARTESÕES E OU SAPATEIROS

Para tratarmos de artesões e sapateiros, nos remetemos aos tropeiros em suas jornadas, que na parada do entreposto para reparos em seus arreios, bainhas e outros mais, a origem encontra-se intrinsecamente ligada ao prestador de serviços, artesãos, selarias e o oficial sapateiro.

Coutinho (2008) relata que em 1813 na Freguesia de Franca, havia apenas 3 sapateiros, classificados com artesãos, equivalente a um ofício de fácil aprendizado, acessível aos menos desfavorecidos, e não sustentável; consistindo ainda com os trabalhos de roças (plantações de milho e mandioca e criações de porcos e vacas), sendo que a confecção de artefatos de montarias, não possuíam suas oficinas próprias. Os sapateiros polivalentes atingiam a média de 20 sapateiros por volta de 1859 e 1865, e a situação continuava a mesma, sobrevivendo de outros trabalhos em suas oficinas.

“Na economia brasileira predominantemente agrícola, confeccionar calçados e roupas talvez fosse o trabalho masculino que menos sobrecarregasse fisicamente, sendo destinado habitualmente a rapazes, pequenos, fracos ou com alguma deficiência física (COUTINHO, 2008, p. 42).

Portanto esse ofício, vindo do trabalho do campo, a prestação esporádica artesanal em reparos nas montarias dos tropeiros em suas paradas de descanso no entreposto comercial, sem qualquer expressão econômica, era voltado apenas para sua subsistência.

Neste sentido Coutinho (2013) o jornalista faz um perfil do oficial de sapateiro, sendo o proprietário da sua oficina, composto por ferramentas rudimentares. Esse profissional centralizava tudo, (escolha da matéria prima, insumos) e realizava produção de todas as operações de fabricação, um trabalho árduo solitário, que era trocado por algum bem.

O comércio de estabelecido através do entreposto do sal contribuiu para a formação de outros comércios, como a produção cafeeira, que trouxe junto com os trilhos uma infraestrutura de serviços, e conseqüentemente uma concentração populacional na área urbana, formando um mercado de consumidores assalariados.

A economia cafeeira propiciou ainda o incremento da vida urbana e o aparelhamento infra-estrutural, a exemplo da instalação de rede elétrica e de abastecimento de água e esgoto, necessários ao surgimento e evolução das fábricas (BARBOSA, 2006, p. 39).

Com a mudança na posse da produção e na organização do trabalho, passa para alguns comerciantes, “Quando comerciantes agregam fabricação de artefatos de couro aos seus negócios, no início do século passado, constata-se que se inicia definitivamente a fase da manufatura” (Coutinho, 2008. p 96).

Com a divisão de trabalhos, mais organizados, com mais pessoas envolvidas do que no artesanato, deliberação de funções, em que cada operário executava uma função específica, e o detentor de todo lucro não era o oficial sapateiro e sim o comanditário.

“Havia quem cortava os couros, quem rebaixava a espessura das bordas com faca, colava as peças, quem as costurava, preparava o solado e o salto... Depois de preparados, o cabedal e solado de couros eram entregues aos oficiais para montarem o calçado na fôrma.” (COUTINHO, 2008, p. 92).

A criação de oficinas conjugada à residência com a fabricação de calçados rústica tipo “sapatão”, que atendia a demanda local, segundo Coutinho (2013), feito

de forma artesanal com banqueta e pregos, começa a ter um destaque. Os calçados se entrelaçam com as selarias.

Os primeiros ateliês produtores de calçados em Franca surgiram por volta de 1900, eram oficinas artesanais conjugadas as moradias que produziam artigos de selaria e também calçados rústicos de maneira artesanal (OLIVEIRA, 2012, p 16 *apud* NAVARRO, 2006. p.55).

Neste sentido, para Coutinho (2013) as selarias e sapatarias eram ligadas, era muito comum um seleiro executar o trabalho de sapateiro, visto que o ofício era praticado com os tropeiros. Nestes estabelecimentos comerciais agregavam-se vários gêneros e produtos a qualquer tipo de bens de necessidade.

Uma pequena evolução na fabricação do calçados, que vindo do artesanato, onde tudo ficava centralizado na mão do oficial sapateiro, e ao decorrer tempo e as mudanças econômicas, refletiram também no ofício dos sapateiros passando para uma produção manufatureira.

Como destaca Tosi (1998), o artesanato não extinguiu com as implantações das indústrias, sendo um fator valorável para a intensificação da atividade, além do que, com a integração promovida pela cafeicultura e ferrovia, foram determinantes para a diversificação nas atividades, provocando mudanças na urbe (cidade).

2. EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO CALÇADISTA

Este capítulo aborda a evolução calçadista de Franca, a passagem da produção calçadista do artesanato manufaturado para a industrialização, a criação da primeira indústria mecanizada e o surgimento dos sapateiros.

2.1 A FORMAÇÃO DA FASE INDUSTRIAL CALÇADISTA EM FRANCA

As sociedades eram predominantemente familiares, um exemplo seria a Macedo & Cia., comercialmente denominada Fábrica de Calçados Jaguar, fundada por Carlos Pacheco, mas a administração a cargos dos seus genros Samuel Carlos Ferreira dos Santos e Arnaldo Pacheco Ferreira dos Santos, segundo Tosi (1998), se valiam do prestígio do sogro.

A característica predominantemente familiar, acrescentava-se um novo ingrediente, que iria marcar o setor coureiro-calçadista por um largo período: o fato de serem sociedades nas quais as associações entre parentes e/ou aparentados eram feitas e desfeitas na medida em que o negócio assim o permitisse. Donde se conclui que tanto a habilitação técnica e profissional, quanto a capacitação para gerir um negócio eram dadas dentro do âmbito da oficina que, em certos momentos, confundia-se com o da família (TOSI, 1998, p 150).

A fase industrial calçadista tem com principal ator o senhor Carlos Pacheco de Macedo, que pela literatura acadêmica local, logra em destaque por ser a primeira empresa calçadista a mecanizar sua linha de produção.

A fábrica de Calçados Jaguar merece uma atenção em especial, pois tornou praticamente um mito para a historiografia local, sendo a pioneira indústria de calçados mecanizada de Franca, fundada em 1921, nesta acepção “Protagonizou o surgimento de uma nova classe social na cidade, a industrial” (Coutinho, 2008, p. 107).

Durante a sua pequena existência, a pioneira fábrica mecanizada², tinha uma produção diária de 500 pares de sapatos, o que demonstra um potencial elevado de produção para a época.

² Vídeo promocional da empresa com filmagens, mudas em preto e branco, aonde possível ver o motor elétrico que movimentava um eixo que percorria toda extensão, com correias atadas as máquinas. Disponível no site do Museu da Imagem e do Som de Franca,, <http://www.misfranca.com.br/acervo/1228/calcados-jaguar.html>. Acesso: 07/10/2014.



Foto 03 - Calçados Jaguar

Fonte: www2.uol.com.br/francaonline/museu_virtual/65.html
Acessado em 03/10/2014.

Um processo significativo foi o estágio cursado pelo sócio Hercílio Batista de Avelar, na cidade do Rio de Janeiro, responsável técnico e possivelmente para adquirir novos conhecimentos tecnológicos para operar o maquinário, observado por Tosi (1998) em sua tese.

Essa nova perspectiva de capacitação profissional e conhecimento de novas tecnologias e sua aplicação em empresas ficará comum, como serão demonstrado nos capítulos seguintes.

Com a liquidação da indústria Jaguar em dezembro de 1926, e com o praxeamento dos seus maquinários para saldar dívidas, negociantes viram uma oportunidade de adquirir esse maquinário e a visão empreendedora para mecanizar em outras fábricas ou na criação de novas empresas, como era comum na sociedade francana.

O processo de falência da Jaguar, envolveu muitas informações nas quais demandaria um estudo aplicado, visto que os autos perdurou por doze anos, como destacou Tosi (1998), tendo como credores Carlos Pacheco.

Com a falência da pioneira fábrica de calçados Jaguar, negociantes aproveitaram para arrematar parte dos maquinários e utilizá-los na Calçados Peixe, fundada em 1927; neste curso Coutinho (2013) relata que apesar de parcialmente mecanizada deteve a liderança isolada da produção, até 1935.

O jornalista declara, ainda, que as indústrias não retrocederam a produção manual, com a falência da Calçados Jaguar, elas mantiveram-se, pois apenas algumas possuíam capital para aquisição de maquinário.

Durante toda a década de 1920, além de Carlos, Pacheco & Cia., foram registrada 21 empresas de calçados (oito como selarias). Deste total, 10 declaram capital inicial (ou aumentaram-no posteriormente) em valor suficiente para adquirir o equipamento básico ou parte dele (COUTINHO, 2008, p. 175).

O autor relata que para montar uma produção semi-industrial, o capital para investimento em maquinário era em torno de 20 contos de réis, para aquisição de máquinas para pespontar, chanframento, lixar, fresa e carimbadeira usadas.

“Para se ter uma produção semi-industrial de calçados são necessárias as seguintes máquinas: as seguintes máquinas: pespontar (costurar), chanfrar (reduz a espessura nas laterais das peças de couro), lixar sola, prensar sola e salto, de fresar (corta o excesso de sola aplicada no sapato), de carimbar, furar e pregar ilhose. Usadas, de segunda mão, custavam cerca de 20 contos de réis em 1926, pelos cálculos de Agnaldo Barbosa, que toma por referencia os valores atribuídos à maquinaria arrolada na falência da Jaguar. (BARBOSA, *apud* COUTINHO, 2008, p.171.)

Como a economia era totalmente dependente do café, foi afetada diretamente pela a Crise de 29, e agravada com os movimentos revolucionários de 32, isso fez com que a era da economia cafeeira reduzissem significativamente as suas exportações em 40%, “Os efeitos da Crise de 29 sobre a cafeicultura e a economia brasileira evidenciaram-se no valor das exportações nacionais: atingira 95 milhões de libras em 1929 e despenca 38 milhões em 1931”. (Coutinho, 2008, p.178).

Entre 1928 e 1937. a indústria paulista tinha na indústria de calçados um dos segmentos que talvez tenha sentido mais intensamente os efeitos da Crise de 1929. De uma participação percentual de 13 e 14% no faturamento da indústria paulista em 1928 e 1929, respectivamente. a indústria de calçados irá refluir para 5,3% em 1934 e depois situar-se em tomo dos 6,5% em 1936 e 1937 (TOSI, 1998, p 217).

Os reflexos da crise cafeeira, ocasionaram a redução de acúmulo de capital, com a baixa no preço do café, a desaceleração da economia reflexiona diretamente no setor calçadista, com a exportação em baixa, durante esse período não houve um aumento de sapateiros, e duas empresas que obtiveram destaque foram as dos irmãos Antonio Lopes de Mello e Miguel Sábio de Mello, determinante para formação do pólo calçadista de Franca, segundo Tosi (1998).

Com as incertezas provenientes da Crise do Café, e a complexa fabricação do sapatão (bonita rústica), pois era toda realizada manualmente, muito dispendiosa impossibilitando atingir preços praticáveis, nesta órbita reducional optaram pela

baixa qualidade refletindo desastrosamente na perda da demanda. Porém um industrial, percorreu na direção oposta e investiu em sua fábrica para minimizar os custos através do investimento em maquinário; “Para reduzir o custo de produção, aumentando a produtividade, Antonio Lopes tem a iniciativa de equipar todas as seções da fábrica” (COUTINHO, 2008, p. 181).

Neste sentido autor, relata ainda, o surgimento da empresa Pucci & Cia indústria de solados, salto e artefatos de borrachas, com o proprietários fundada por Thomas e Stellio em 1947, que é antecessora da Amazonas; assim Franca já possuía na época a maior concentração de fabricantes de calçado do interior paulista.

Na conjuntura da Primeira Guerra, criando obstáculos para obtenção dos insumos utilizados na fabricação do calçados, tornando-os escasso, não restou outra alternativa senão o surgimento de empresas para suprimir esta falta.

Os maquinários das fábricas eram de origens alemãs e da ex-Tchecoslováquia, nesta acepção Coutinho (2013), fala do importante papel desempenhado pela organização norteamericana, que compra todo o maquinário de Antonio Lopes (17 máquinas Moenus alemã), substituindo pelo de sua fabricação a *United Shoes Machinery Company* (USMC), mediante um aluguel e assistência técnica permanente, praticando o arrendamento.

...resta mencionar a presença da escocesa *Clark Co.*- 1903 - e da *United Shoe Machinery Co.* - 1906. Como demonstrou Wilson Suzigan, foram responsáveis pela expansão dos investimentos no setor entre 1907 - 1913, sendo a primeira fabricante de calçados e a segunda, distribuidora de máquinas para calçados, "operando com um sistema revolucionário de arrendamento de equipamento e assistência técnica para fábrica de calçado, fornecendo peças, acessórios e serviços de manutenção" (SUZIGAN, *apud* TOSI, 1998 p.124).

A empresa norteamericana, com o método de arrendamento, contribuiu para a industrialização, face o ínfimo capital para aquisição de maquinário, o industrial poderia adquirir a quantidade necessária de maquinário, uma vez que as máquinas dispunham do mecanismo contabilizadores de produção, no qual o preço era atribuído o valor mensal do aluguel. (Coutinho,2013).

Este financiamento por *leasing* favoreceu muito o empresariado francano, permitindo que mesmo empresa com baixo capital alcançasse mecanização das suas empresas acirrando assim a competitividade.

Com a Segunda Guerra Mundial em 1939 a importações de peças e máquinas ficaram prejudicadas, atravancando um maior crescimento da indústria francana, pois ficara muito difícil adquirir peças para máquinas. No país não havia fabricantes de máquinas e recorrer às alemãs era uma alternativa não viável pois o país vinha de um pós guerra e as instalações estavam destruídas.

“Segunda Grande Guerra deflagrada em 1939, que nos anos seguintes dificultou a reposição de peças (a USMC proibia a substituição das originais, não havia fabricante de máquinas para calçados no Brasil e quem quisesse recorrer às alemãs ou tchecas teria de esperar de cindo a dez anos, porque as instalações destas indústrias foram destruídas e reerguidas somente a partir de 1945” (COUTINHO, 2008, p. 183).

2.2 OS SAPATEIROS

Estimulada pela mecanização, a indústria calçadista teve acesso mais simplificado através do sistema de *leasing*, sendo que as empresas que anteriormente estava nas mãos dos comanditários (comerciantes e fazendeiros) começaram a voltar para os sapateiros, conforme relata Coutinho.

“A segunda metade de 1930 marca não apenas a retomada da produção mecanizada do calçado francano como também o efetivo predomínio de ex-sapateiros na indústria emergente. Entre as cinco mais importantes – dos Mello, Palermo e Spessoto, apenas a Peixe ainda era comandada por um comerciante; no entanto, já se tornara sócio dele o ex-sapateiro Hercílio Batista de Avelar” (COUTINHO, 2008, p. 185).

Para Coutinho (2008, p. 186) na história alguns nomes tiveram seu destaque, como Padre Alonso, Elias Motta, Carlos Pacheco entre outros mais, sendo que o pioneiro em trabalhar com as máquinas para calçados foi Hercílio Batista de Avelar, que atuou nas fábricas Coelho, Jaguar e Peixe, chegando ao posto de sócio industriário. Foi quem coordenou a mecanização da calçados Jaguar e ensinou o novo trabalho aos funcionários.

Segundo Coutinho (2008, p. 189), na década de 40, Franca teve quatro indústrias de calçados com grande capital, produção, emprego e tecnologia superior; sendo elas Palermo, Peixe, Mello, Spessoto e Samello, talvez o município ainda não era um pólo calçadista, porém começava a se destacar.

O surgimento das pequenas oficinas em residências ocorre de maneira progressiva, pois nos anos 60 São Paulo e Rio de Janeiro perdem a liderança na produção de calçados para Franca. Essas oficinas utilizavam-se de parentes, filhos e antigos artesão, sendo que mais uma vez o empreendedorismo se faz presente, e

conforme é enfatizado por Coutinho (2013), tornou-se uma prática muito comum até os dias atuais

2.3 OS CURTUMES

O surgimento dos curtumes é uma demonstração que o sapato começa a ter uma representação mais efetiva na economia.

Um fator que possibilitou o empreendedorismo foi a Primeira Guerra Mundial, com a dependência dos produtos importados, e com o decorrer da guerra estagnados, e não vendo alternativa começaram a ser fabricados no país.

“A guerra mundial de 1914/18 estancou o suprimento às indústrias calçadista dos materiais importados e começaram a ser produzidos no país metais de adorno, tintas, corantes, graxas, etc. as próprias fábricas de calçados passaram a produzir adesivos de borracha nessa época. Depois do conflito ainda permanecia a dependência da importação de máquinas” (COUTINHO. 2008, p.103).

Não podemos deixar de falar de Padre Alonso Ferreira um investidor que de acordo com Tosi e Coutinho, sendo pioneiro fundador dos primeiros curtumes, o Cubatão e Coqueiro em 1906, que executava o curtimento vegetal com tanino e o barbatimão.

Pe. Alonso foi o primeiro a reunir recursos e montar um curtume na cidade. Parafraseando Braudel³, se quiser escorraçar, pela janela da matriz, o incômodo do Padre ter sido um capitalista, julgando-o pelo crivo da moral, talvez ele retome pela porta da história como um verdadeiro investidor (TOSI, 1998, p 114).

A visão empreendedora de Elias Motta, que comprou o curtume Cubatão, e fez visitas aos curtumes gaúchos para conhecer novas tecnologias e máquinas, e se torna o segundo curtume industrializado do Estado de São Paulo, fazendo o curtimento com cromo. “Além de inaugurar a industrialização de couros em Franca – antecedeu a de calçados em sete anos -, Motta também inovou ao implementar o curtimento ao cromo”.(COUTINHO, 2008, p. 88).

Neste mesmo sentido de investimento e modernização do curtume sendo o segundo mecanizado do estado, e ainda com incentivos na isenção de impostos.

"Em 1913, já com os: conhecimentos teóricos e práticos adquiridos, o primeiro curtume dotado de maquinário, importado diretamente da

³Historiador francês nascido em Luméville-en-Ornois, um dos mais importantes representantes da Escola dos Annales, formado em História na Faculté des Lettres de Paris, da Universidade de Sorbonne, colaborou na organização da Universidade de São Paulo e sendo professor (1935-1937), fonte: <http://www.brasilecola.com/biografia/fernand-braudel.htm>. Acessado em 05/11/2014

Alemanha. Causou sensação a iniciativa, porquanto na época, no Estado de São Paulo, o único curtume mecanizado era o da Água Branca na capital, e o segundo era o de Franca. A prefeitura Municipal concedeu-lhe na época, Isenção de impostos e taxas durante dez anos " (TOSI *apud* RINALDI, 1998, p159).

Na literatura local, rodeia algumas discussões sobre a administração do clérigo, alguns autores o denominam como capitalista, no sentido de investidor, que o curtume era precário e por fazer o curtimento artesanal e demorado e não atendia a demanda para a produção calçadista.

Para uma discussão mais detalhada sobre esta questão, demandaria uma pesquisa mais específica, porém esta questão não está em discussão neste estudo, e um aprofundamento neste sentido foge do foco da pesquisa.

3. EMPREENDEDORISMO

Neste capítulo aborda-se algumas definições de empreendedorismo com foco nas origens calçadista de Franca. Dentro deste contexto, tenta-se embasar o perfil dos empreendedores daquela época com a literatura acadêmica publicada.

3.1 CONCEITOS DE EMPREENDEDORISMO

Como explicitado, elencaremos algumas definições sobre empreendedorismo, dentro do contexto científico, procurando delimitar uma história.

Sarkar (2008), cita o economista Schumpeter, que diz o seguinte:

“A função dos empreendedores é reformar ou revolucionar o padrão de produção, explorando uma invenção ou, geralmente, uma possibilidade tecnológica ainda não experimentada para a produção de um novo bem ou para a produção de um bem antigo em uma forma, por meio da abertura de uma nova fonte de oferta de material empreendedor ou um novo tipo de produtos, ao reorganizar uma indústria” (SCHUMPETER, 1942, p. 132 *apud* SARKAR, 2008. p. 20).

A calçados Jaguar enquadra-se bem no pensamento schumpeteriano, pois apesar de fabricar o mesmo produto, revolucionou com a mecanização da linha de produção, através de uma nova tecnologia mecanizada.

Segundo Chiavenato (2007), o empreendedor é uma pessoa atuante e que movimenta a economia, “ele é quem fareja as oportunidades e precisa ser muito rápido, aproveitando as oportunidades fortuitas, antes que outros aventureiros o façam”, se levamos em consideração a vida de Carlos Pacheco, segundo Coutinho (2013), primeiro a mecanizar linha de produção de calçados, protagonizou o surgimento da classe industrial, proprietário de indústrias de fósforo, curtimento, serraria, beneficiamento de café e casa comercial especializada na venda de couros e artigos para sapateiros e seleiros.

Na visão de Dolabela (1999, p 23), o mesmo define como “ empreendedor é o ‘motor da economia’, um agente de mudanças”, o autor ressalta ainda o empreendedor como um indivíduo que cria uma empresa, introduz inovações, sempre agregando valores.

Um empreendedor é o indivíduo que cria uma empresa, qualquer que seja ela, ou o empregado que introduz inovações em uma organização provocando o surgimento de valores adicionais (DOLABELA, 2006, p. 29).

Neste mesmo expediente, Maximiano (2009), converge quase no mesmo sentido, pois na sua definição a questão do risco é bastante considerada.

Realmente com a falência da Calçados Jaguar, disseminou-se a formação de várias empresas, neste sentido Coutinho (2013), aponta que maquinários que sobraram da massa falida foram arrematados, neste caso, para a Calçados Peixe.

Uma visão de empreendedorismo associando empreendedorismo com a criação de novas empresas, que segundo Daft (2010), o empreendedorismo começa apontar de uma maneira mais ampla.

“Um empreendedor reconhece uma idéia viável para ser transformada em um negócio de fabricação de produto ou uma prestação de serviço e a realiza, encontrando e reunindo os recursos necessários – dinheiro, pessoas, maquinário e local – para iniciar o negócio. Os empreendedores também assumem os riscos e colhem as recompensas do negócio. Eles assumem os riscos financeiros e legais pela propriedade e recebem os lucros do negócio” (DAFT, 2010, p 197).

Daft (2010) reconhece o empreendedor com uma idéia para ser transformada em negócio de fabricação de produto (fabricação do sapatão) ou uma prestação de serviços (os serviços de reparos aos tropeiros), encontrando e reunindo recursos necessários como oficial de saparia, seleiros, comerciantes, para se para iniciar o negócio.

Maximiano (2009), elenca algumas definições sobre o tema empreendedorismo, destacando Jean Baptiste Say, que caracteriza o empreendedor como responsável por elevar uma área de baixa produtividade em algo rentável, explorando as variações ou novidades como tecnologia, materiais e preços. O autor utiliza ainda uma definição de Joseph A. Schumpeter, que ressalta as inovações de novas formas, meios de produção, produtos e organizações.

Deve-se considerar que através de diversos conceitos estudados nos permite analisar a formação dos empreendedores da cadeia coureiro-calçadista franca e suas influências.

3.2 O PERFIL DO EMPREENDEDOR CALÇADISTA FRANCANO

Conforme Chiavenato (2007) apresenta duas definições que pelo contexto histórico que relacionam com os empreendedores da época.

O empreendedor artesão, que sua mão-de-obra como fator empreendedor, sendo que não possui condições econômicas para abrir o seu próprio negócio, dispondo dos conhecimentos tácitos adquiridos pela prática do ofício da sapataria, limitado em gestão de negócio, planejamento futuro, crescimento ou mudanças.

Conforme exposto no Capítulo 1, o ofício do sapateiro era um serviço braçal, de pouco reconhecimento, sendo exercido pelo jornaleiro, o qual detinha todo o conhecimento, um ajudante que trabalha apenas para ter o que comer, conforme Coutinho (2008), que apenas profissões como direito, medicina tinha o reconhecimento.

Segundo Chiavenato, algumas características adornam o empreendedor artesão (CHIAVENATO, 2007, P. 14).

- ✓ ser paternalista, ou seja, dirigir o negócio da forma como dirigiria sua própria família;
- ✓ relutar em delegar autoridade, é centralizador;
- ✓ usar uma ou duas fontes de capital para abrir sua empresa;
- ✓ definir
- ✓ qualidade e da reputação da empresa.

Em uma segunda definição, Chiavenato (2007) relata que o empreendedor oportunista possui conhecimentos mais amplos, neste caso, o capital como fator empreendedor, em específico os donos das selarias, que comercializam os produtos fabricados, e prestação de serviços e confecção de calçados.

- ✓ evitar o paternalismo na condução da equipe;
- ✓ delegar autoridade às pessoas necessárias para o crescimento;
- ✓ obter capitalização original de mais de duas fontes de dinheiro;
- ✓ planejar o crescimento futuro do negócio.

Baseado nos conceitos propostos por Chiavenato (2007), pode-se refletir e relatar que estas características refletem totalmente as origens calçadista, apesar de apresentar características que se assemelham com fatos narrados, como paternalismo, acúmulo de capital para criação do próprio negócio, entre outros fatores mais.

Barbosa (2006) fez uma amostragem dos dez maiores empresas calçadistas até 1945, o que nos dá um perfil dos empreendedores calçadistas, salientando que

apenas cinco primeiras relacionadas eram de médio porte, a demais eram pequenas com média de vinte operários, sendo elas:

- Calçados Palermo, iniciou em 1922, pelo italiano João Palermo, com capital de 5 contos de réis (US\$ 720 na época), após dez anos passou para 40 contos de réis (US\$ 3.170) e 6 funcionários, tendo iniciada na oficina de sapateiro.

- Calçados Spessoto, em 1924, por Pedro Spessoto, ajudante na selaria e oficina de sapateiro do cunhado, e após 10 anos tornou-se sócio. Com mesmo 5 contos de réis, porém em relação ao dólar US\$ 550. Em 1933 o capital da empresa 37 contos (US\$ 3.240) para 200 contos em 1934, cerca de 17.500, chamando atenção do Grupo Vulcabrás, para qual foi vendida em 1970. Com a melhora nos negócio adquiriram o curtume Santa Cruz.

- Calçados Mello, fundada por Antônio Lopes de Melo em 1929, trabalhou na lavouras de café, aprendiz de sapateiro, lavador de vidros, zelador. Viajante comercial e até operário da Jaguar, com 20 contos de reis (US\$ 2.500), produção de 20 pares ao dia, 1934 o capital ampliaram para 100 contos de reis, tendo o irmão Miguel Sábio de Melo como sócio, sendo que no ano seguinte, Miguel sai da sociedade e abre a sua própria empresa 20 contos de reis, Calçados Samello. Miguel também trabalhou nas lavouras de café, aprendiz na oficina de sapateiro e nos tempos livres artesanalmente fabricava chinelos e sandálias com tiras de couro com sobras da Calçados Jaguar, em 1926 possuía sua própria oficina.

- Mota, Nalini & Cia Ltda., fundada em 1930, por Gildo Nalini, filhos de italianos Calçados Maniglia, fundada por Antônio Maniglia e o tio Miguel Maniglia, tendo como base o trabalho iniciado pelo pai José Maniglia em meados de 1920, com pró-labore menor que alguns funcionários.

- Calçados São Luiz, fundada em 1942, com capital de 4 contos reis, a fabrica de Luís Púglia durou apenas quatro anos e foi vendida para Calçados Palermo.

- A Thomaz Licursi & Cia, com procedência burguesa de Estélio Dante Pucci, com seu cunhado Tomás Licursi, constituíram uma empresa com 20 funcionários em 1945, e 75 em 1956, e não passou do anos 1960. O principal investimento era Pucci & Cia, indústria fabricante de solados de borrachas que deu origem a Amazonas S/A – Produtos para Calçados com investimentos seis vezes maior que a fábrica com conforme Barbosa (2006), no importe de Cr\$ 60 mil (US\$ 3.000)

- Calçados Peixe, fundada em 1945, segunda maior empresa e uma das poucas surgir como médio porte, por Hercílio Batista de Avela, trabalhava na selaria mantida

por Elias Mota, depois na Carlos Pacheco & Cia, fez estágio no Rio de Janeiro, para conhecer o maquinário e ser gerente na Calçados Jaguar.

- Celso Ferreira Nunes, filho de sitiante de uma pequena propriedade avaliada em 7 contos, iniciou atividades em 1944 com um capital de 30 contos (US\$ 2.000).

O autor ainda faz uma análise dos empresários, que em suas fábricas possuíam operários ou artesãos, com ofícios braçais, e entre os cinco primeiros tinham de porte médio, dentre eles quatro eram imigrantes com origens do trabalho do campo. Finaliza ainda, que os industriais iniciaram seus ofícios ainda jovens, com quinze anos, passando um terço da vida produtiva no ofício de artesão ou operário.

Durante a década de 40, foram registradas 69 empresas de calçados, sendo que algumas tiveram um curto prazo de existência, às vezes por inexperiência ou aptidão dos seus gestores, falta de capital de giro ou outros fatores. O capital inicial empreendido foi desde mil cruzeiros (exemplo Romeu Honório da Silveira) chegando aos Cr\$ 1 milhão e 600 mil da Calçados Ferros em meados de 1950, de acordo com Coutinho (2013).

Pela amostragem apresentada podemos analisar que a formação da classe industrial calçadista francana, veio de uma classe desfavorecida, pois a maioria dos empresários em suas as origens, galgaram um árduo caminho, sendo que muitos trabalharam na roça, foram empregados em selarias e até mesmo nas fábricas; sendo que com o aprendizado do ofício, resolveram assumir o risco e criarem seu próprio negócio, praticamente com capital ínfimo e poucos recursos.

Um exemplo deste empreendedorismo foi a Calçados Jaguar que se tornou um mito na histórica calçadista francana, além é claro da Calçados Samello que se projetou por longos anos no mercado brasileiro e até mundial.

4. CALÇADOS SAMELLO NORTEANDO A INDÚSTRIA DE CALÇADOS FRANCA

Neste capítulo abordaremos o crescimento da empresa e a maneira empreendedora empresarial, no qual fez de uma modesta empresa se tornasse uma das principais empresas calçadista nacional.

Mais de um sabe dirigir o barco rumo certo, por mares nunca dantes navegados; outros seguem o caminho que outrem já percorreu; outros ainda há que só agem de acordo com a multidão, porém, dentro desta, são os primeiros (SCHUMPETER, 1961, *apud* BARBOSA, p. 172).

A história do fundador da Samello, Miguel Sábio de Mello, que trabalhou nas lavouras de café da fazenda Santa Maria em Conquista-MG até completar dezoito anos, mudando para Franca 1922, onde foi empregado por cerca de dois anos na oficina Horácio Lima. Nos tempos livre fabricava chinelos e sandálias, segundo Barbosa (2006), que ressalta ainda que fundador do grupo Samello foi se alfabetizar com trinta anos de idade.

Realmente notório o feito por Miguel, começando a vida como trabalhador rural a empresário, conseguindo tudo isso antes do 30 anos de idade e sem qualquer preparo ou estudo, pois alcançou o universo da alfabetização após constituir sua empresa.

A história da Samello inicia em volta de 1935, depois de separar da sociedade com o irmão (Antonio Lopes), e associa-se com Garcia Serrano e no mesmo ano inaugura a Calçados Edite, uma homenagem a sua filha, sendo mantido até 1943, quando trocou pela marca Samello. Fabricava sapatos, sandálias para mulheres e criança, bem como, as botinas masculinas, com pouco maquinário e funcionários, conforme Coutinho (2013).

O autor relata ainda que a fábrica ficava próxima à residência de Miguel, na esquina da Rua Voluntários da Franca com a Couto Magalhães. Com a produção mecanizada desde 1938 e com aumento da produção, faltava espaço para a logística de produção, motivando a pioneira construção de um prédio direcionado para a indústria de calçados, constituindo assim um barracão de 300m², alguns quarteirões de distância, na esquina das ruas Voluntários da Franca com Homero Alves, inaugurado em 1941, salientando que não era adequado para avanços dos processos, por ser uma construção modesta conforme Barbosa (2006).

Esse crescimento se comprova, sendo que após quatro anos mais tarde o capital da empresa passa de Cr\$ 25 mil para Cr\$ 100 mil Coutinho (2013).

Em 1947, pai e filho viajam para os Estados Unidos, mais precisamente para Boston, aonde tiveram contato com as tecnologias na *United Shoes Machinery Company* (USMC), já que o maquinário da empresa pertenciam a empresa norte-americana. Devido a esse contato, em 1948, o filho Wilson Sábio de Melo, matriculou-se na *Lynn Industrial Shoemaking School*, uma escola mantida pela empresa USMC, para estudar, de acordo com Barbosa (2006), e em 1951 o seu irmão Osvaldo seguia o mesmo caminho, com a finalidade ocupar um espaço mais significativo no mercado e tentar colocar a empresa modesta com uma das mais importantes nacionalmente, tanto que o autor explicita as atitudes dos Sábios de Melo como “mentalidade empresarial” genuína.

Esse episódio dos Sábios de Melo, em deslocar a produção de novas tecnologia, ocorreu com Hercílio Batista de Avelar na Jaguar, que foi ao Rio de Janeiro para estágio e com Elias Motta em sua viagem para Sul, nos mesmo ímpeto de buscar novas tecnologia, no caso dele o curtimento a cromo, como veremos a seguir em relação aos Sábios de Melo, método Blake, que utilizava a costura para unir a sola com o cabedal, segundo Barbosa (2013).

Os conhecimentos e participações norte-americanas foram significativas para a que Samello prosperasse.

Em 1956, um novo edifício de 5.000m² passou abrigar a Samello; tal obra, idealizada por técnicos da *United Shoes Machinery Company*, em Boston, foi planejada para propiciar o máximo desempenho do equipamento instalado na fábrica, otimizando, assim, a produtividade BARBOSA, 2006, p.176).

Esse iniciativa de construção de prédio próprio para abrigar a produção de calçados mais um feito pioneiro e empreendedor da Samello, na implementação de uma nova arquitetura industrial, constituía até um grande painel de vidro voltado para linha de produção como método de vigilância para torná-lo mais produtivo, pois em sua maioria, até mesmo a empresa dos Sábios de Melo, foi marcada pela improvisação, tanto, que na construção anterior, que foram seguidos, de acordo Barbosa (2006), por Calçados Brasil, Calçados Palermo e a Calçados Mello.

O lançamento do *mocassim* foi uma novidade, pois o sapato fabricado segundo Coutinho (2013), era um sapato duro, pesado, desconfortável, que tinha

como prerrogativa da durabilidade, porém o *mocassim* era leve, flexível e confortável.

De acordo com autor a exuberante aceitação de vendas, mais também, por dispensar maquinários, precisando apenas de uma blaqueadeira para unir a sola ao cabedal e criou-se o trabalho de costura manual e a transformação de operários em empresários. Neste sentido “Empresas importantes do setor, como Agabê e a Jacometti, são exemplos do que Wilson Sábio de chamava de indústrias originadas a partir de “homens-Samello” (BARBOSA, 2006, p 172).

Outra atitude empresarial foi a socialização de parte das ações aos operários, assistência médica, creches e salários acima praticados pelos mercados, pois como dissemos que Samello, embasada com conhecimentos norteamericanos, fundadas no fordismo.

“ as mundanças não podem realizar-se apenas através da “coerção”, mas só através da combinação da coação (autodisciplina) com a persuasão, inclusive sob a forma de altos salários, isto é, de possibilidades de melhorar o nível de vida; ou melhor, mais exatamente, de possibilidades de alcançar o nível de vida adequado aos novos modos de produção e de trabalho, que exigem um dispêndio particular de energias musculares e nervosas” (GRAMSCI, 1976, *apud* BARBOSA, 2006, p.179).

A pioneira fábrica em 1965, passou a utilizar esteiras mecânicas, novidade conhecida pelo Wilson Sábio de Melo, segundo Barbosa (2006) viagem a ex-Tcheco-Eslováquia, ao visitar a maior empresa de calçados do mundo a *Bata Shoe Company*, e convenceu tcheco Zdenek Pracuch, a reorganizar a produção da Samello, fazendo empresas com porte para exportação de calçados masculinos, que ocorreu em 1970.

Na opinião do autor, Pracuch foi considerado o responsável pela conversão da indústria manufatureira para indústria moderna, um empreendedor, sendo seguidos por outros após quinze anos, sendo eles: Fipasa, Agabê, Cia. de Calçados Palermo, Terra, Sândalo e Pestalozzi.

Todas as inovações incorporadas pela Samello estão diretamente influenciadas com empresa norteamericanas a *United Shoes Machinery Company*, com os métodos de racionalização da produção, tendo o contato com administração científica moderna, como referências o taylorismo e fordismo.

Neste contexto Maximiano (2004, p. 151), conclui que “A organização de qualquer grande empresa industrial moderna é uma combinação dos princípios de

eficiência de Taylor, das técnicas de produção de Ford e da estrutura de Sloan” (MAXIMIANO, 2004, p. 151), constatado com a evolução da Samello, como arquitetura industrial planejada para produção calçadista, a implementações das esteiras mecânicas para a produção em massa, bem como, a questão sócio-econômico, mais uma vez a pioneira em oferecer serviços de assistência médica, creches e salários acima do praticados pelo mercado.

A declaração do Miguel Sábio de Melo Filho, na década de 1950, conforme Barbosa (2006), que pretende elevar a produção com o mesmo número de operários com duas características primordiais: melhorar o padrão de vida dos operários e manter o mesmo preço do produto.

“a fábrica altamente racionalizada, atuante como aparelho fundamental de hegemonia, vai ao encontro de algumas necessidades fundamentais da classe operária. Racionalização, ideologia do trabalho, salários altos e bem-estar para os trabalhadores, resume a fórmula geral da concepção hegemônica do fordismo” (VIANA, 1972, *apud* BARBOSA, p. 179).

5. METODOLOGIA

A busca da racionalidade nas pesquisas científicas, com levantamento da literatura referente ao assunto, traz subsídios para resolução da problemática aventada.

Pesquisa é o conjunto de procedimentos sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas proposto mediante a utilização de métodos científicos” (ANDRADE, 2010, p. 110).

Neste mesmo sentido, (Vergara 2006, p. 11) conceitua que a pesquisa é “um processo permanente de busca da verdade, de sinalização sistemática de erros e correções, predominantemente racional”.

O presente trabalho fundamentou na pesquisa dados primários e secundários, com tipo de pesquisa bibliográfica qualitativa, que segundo Andrade (2010) “ [] a pesquisa bibliográfica vai possibilitar a determinação dos objetivos, a construção das hipóteses e oferecer elementos para fundamentar a justificativa da escolha do tema”, com caráter descritivo.

Buscando ampliar conhecimentos e conceitos, foi elaborado um questionário com perguntas abertas aos principais autores, primeiramente por contato telefônico, explicando a importância na obtenção desde dados para literatura acadêmica e calçadista. Para tanto, foi enviado via correio eletrônico à todos, e respondido a contento da mesma forma, proporcionando aquisição de maiores informações exclusivas para o caso em tela.

Foi selecionado três pesquisadores selecionados para responderem ao questionário proposto (ANEXO A), sendo que todos possuem obras publicadas relacionadas ao tema e que foram previamente analisadas pelo autor. As mesmas constam nas referências e serviram de embasamento para a formulação do questionário.

Obeve-se as respostas dos 3 pesquisadores selecionados, Tosi, Barbosa e Coutinho, dando-se por satisfeito com os conteúdos apresentados. A transcrição dos questionários podem ser lidos no ANEXO B.

5.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Quadro 1: Interpretações das respostas dos entrevistados

Q U E S T Õ E S	1- Na sua opinião, quais foram os principais fatores que favoreceram para o surgimento da indústria calçadista em Franca?	2- Quem foram os principais personagens (atores) da história calçadista francana? (Desde o começo, aqueles que realmente fizeram a diferença para o segmento).	3- Em sua opinião houve o empreendedorismo calçadista? Consciente? Quais?	4- Qual seria a principal motivação empreendedor a das origens calçadista de Franca?	5- Você considera que a origem calçadista da cidade, foi fruto do acaso ou um empreendimento direcionado? Exemplifique?
B A R B O S A	Localização Pecuária Abundância em couros Entrepasto Estrada dos “Goiases” Atender as necessidades dos tropeiros Capitais da Cafeicultura	Antonio Lopes de Melo Miguel Sábio de Melo Carlos Pacheco de Macedo	Sim Referências tecnológicas e organização do mercado internacional Inovação “homens-Samello”	Superação da condição de pobreza da vida rural Busca por um ofício na cidade	Questão 3
C O U T I N H O	Não foi econômico (disponibilidade de matéria-prima ou mão-de-obra) Sucesso dos empregados tornarem empreendedores Fábricas como incubadoras para formação de fabricantes	Carlos Pacheco de Macedo Antonio Lopes de Melo Miguel Sábio de Melo João Palermo Pedro Spessoto Hercílio Batista de Avelar	Não Alguns como habilidades técnicas e talento para os negócios. Imitação do ex-companheiro ser empresário Rotatividade entrada e saída de fabricantes	Seguir o exemplo do amigo	Acredito ter sido fruto do acaso Imitação “ser alguém na vida”
T O S I	Localização Geográfica favorável Entrepasto comercial Manutenção dos transportes Prosperidade cafeeira	Padre Alonso Ferreira de Carvalho Elias Motta Carlos Pacheco de Macedo Hercílio Batista de Avelar	Sim, todos envolvidos com couro (negociantes, seleiros e etc) Primeira Guerra Escassez de produtos industrializados Acumulo de capital Mão de obra com trabalhadores nacionais e imigrantes	Receitas provenientes da exportação do café, política cambial	Todas evidências elencadas não sugerem qualquer interferência do acaso Nada daquilo que o homem executa e, sociedade é fruto do acaso

Fonte: elaborado pelo autor

Na primeira questão do quadro que aborda sobre os principais fatores que favoreceram para o surgimento da indústria calçadista em Franca, alguns fatores se mostraram comuns entre os autores, como por exemplo; a geografia, prestação de serviços aos tropeiros (arreios, coberturas para carros de bois e etc), bem como, a Estrada dos “Goiazes”, Entrepasto comercial, fluxo de couro e o capital cafeeiro. Porém, para Coutinho nenhum fator econômico foi responsável para o surgimento da indústria calçadista, seja pela fartura de couro ou de mão de obra, em sua visão o jornalista salienta que a motivação do empregado se tornar fabricante.

Em relação a segunda questão sobre os principais atores, os autores são quase unânimes, em relação Carlos Pacheco, o fundador da Calçados Jaguar, a primeira indústria de calçados mecanizada, Hercílio Batista de Avelar, responsável técnico da Jaguar e depois proprietário da calçados Palermo, Antonio Lopes de Melo, com a mecanização da sua empresa para aumentar a competitividade, abrindo as portas para nova prática de financiamento *leasing*, Miguel Sábio de Melo, o fundador do grupo Samello, com a criação de *mocassim*, novas técnicas, arquitetura industrial, servindo de modelos para o demais industriais. O professor Tosi em sua óptica direcionada para setor coureiro, cita os como principais atores o Padre Alonso e de Elias Mottas, sendo primeiro conhecido como investidor e fundador do primeiro curtume em Franca, e o segundo em mecanizar e utilizar o cromo.

A terceira pergunta os professores Barbosa e Tosi, compartilham da mesma opinião, que o empreendedorismo foi consciente. Barbosa fundamenta nas referências tecnológicas trazidas pelas empresas Mello e Samello, inovação em mecanizar e mudar os para os paradigmas tecnológicos, produtos mais competitivos, um “celeiro” de novos empreendedores, finalizando que o empreendedorismo em Franca foi *schumpeteriano*, “dirigir o barco no rumo certo”.

Apesar de compartilhar da mesma opinião sobre o empreendedorismo direcionado, Tosi, porém, argumenta que todos os envolvidos com couro, tiveram contato como carreiro, seleiro, negociante, tinham por finalidade em formarem empresas e fazer negócios. Ademais em suas fundamentações, em relação a escassez de produtos industrializados provocado pela Primeira Guerra, permitiram os que possuíam capitais, condições técnicas e conhecimento do mercado, formar as sociedades comanditárias (capital/mão de obra). Avaliza a sua fundamentação do empreendedorismo francano, com autores Werner Sombart e Fernand Fraudel, sendo: capitais, técnicas, conhecimento sobre o mercado de modo de fazer um

negócio e capacidade de mobilizar informações e fazer dessas informações algo que o circuito de mercado possa absorver na duas pontas da demanda por insumos e matéria prima ou capitais. E não reconhece o empreendedorismo *schumpeteriano* como definido por Barbosa.

Coutinho, entretanto acredita que não houve o empreendedorismo consciente, apenas uma ação motivada pela imitação, pois seu ex-companheiro obteve êxito em tornar empresário.

Em análise da quarta pergunta, Coutinho segue fiel a motivação imitadora, contudo em relação aos demais autores, segue debatendo. Segundo Barbosa, motivação em superar as dificuldades e pobreza proporcionada pela vida no campo, ocasiona a migração para cidade em busca de uma vida melhor e obter um ofício. No entanto, professor Tosi, argumenta sobre as origens dos capitais para formação dessas empresas, são oriundos da exportação do café e da política cambial.

Na última pergunta os autores informaram que suas razões sobre o empreendedorismo ser ou não fruto do acaso, foram respondida na terceira questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O empreendedorismo está em alta nos momentos atuais, permitindo um amplo debate com relação ao tema e suas influências na formação dos dirigentes e empresas atuais.

Em virtude dos fatos apresentados, pudemos relacionar as informações e tentar responder a questão central proposta pelo trabalho. A formação dos empreendedores foi direcionada ou fruto do acaso?

O surgimento do entreposto comercial, da presença dos artesãos, a criação de gado, os negócios relacionados ao couro, o progresso trazido e alavancado através da produção cafeeira, são evidências que muito contribuíram para a formação e criação da cultura empresa empresarial calçadista francana, sendo fatores determinantes para o empreendedorismo local.

Pelas respostas obtidas através do questionário, pode-se observar que o empreendedorismo se fez presente, sofrendo diversas evoluções e mudanças ao longo do tempo, influenciado até os dias atuais.

Considerando todos os aspectos analisados e na tentativa em aliar os conceitos de empreendedorismo com os fatos históricos obtidos neste trabalho, não pudemos obter respostas claras quanto ao perfil do empreendedor franca, porém deve-se considerar que muitos começaram a vida nas plantações de café da região, trabalharam nos ofícios relacionados e mais tarde se tornaram comerciantes e industriários, apesar da pouca formação acadêmica.

A complexidade sobre o referido assunto divide opiniões até mesmo dos autores que formaram a base deste trabalho, sendo o jornalista Antonio Coutinho e os professores doutores da Universidade Paulista “Julio de Mesquita Filho” UNESP - Franca, Agnaldo de Sousa Barbosa e Pedro Geraldo Tosi.

Para Coutinho, o empreendedorismo foi fruto do caso, sendo motivado pelo sucesso do companheiro em constituir o seu próprio negócio, quanto Barbosa, em sua opinião foi direcionado. O autor sustenta que o empreendedorismo foi direcionado, devido ao esforço do próprio sapateiro, saindo de artesão à dono do seu próprio negócio. Porém Tosi concorda que realmente foi direcionado, mais através do acúmulo de capital ocorrido durante a produção cafeeira, tornaram-se comerciantes, “homens de negócio” e aplicavam o capital excedente em empresas periféricas.

Este trabalho evidencia que as opiniões dos autores (Coutinho, Barbosa e Tosi), de algum modo se complementam, pois, vendo o companheiro obter sucesso gera uma motivação para empreender, o fruto do trabalho e conhecimento possibilitou concretização do objetivo, que era abrir próprio negócio. Finalizando, os fatores adjacentes, trazidos pelo café, como; progresso, economia local, criação de mercado interno consumidor, circulação de dinheiro, contribuíram para fomentar ainda mais o setor calçadista.

Levando em consideração todo o material pesquisado, que de algum modo, cada fator em sua singularidade, colabora diretamente ou indiretamente para surgimento da indústria calçadista, em especial os sapateiros, pois uma escalada vertiginosa do artesão, esse personagem foi atingindo patamares mais representativos no setor calçadista, alcançando a classe de industriário.

Seria imprudente por parte deste autor, concluir sobre o tema, já que a literatura apresenta relações complexas de difíceis dimensões, o que naturalmente causa divergências, e impossibilitando de termos uma resposta unânime quanto à questão: o empreendedorismo foi direcionado ou fruto do acaso na formação da indústria calçadista francana.

Pode-se considerar que os objetivos propostos foram atingidos e permitiu obter uma singela visão do empreendedorismo francano, além é claro de permitir um amplo debate sobre o assunto. O mesmo carece de pesquisas mais profundas, ficando assim uma proposta para futuros trabalhos acadêmicos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarete de. Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, Atlas, 2010.
- BARBOSA, Agnaldo de Sousa. Empresariado fabril e desenvolvimento econômico: empreendedores, ideologia e capital da indústria do calçado (Franca, 1920-1990). São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2006.
- CHIACHIRI FILHO, José. Do Sertão do Rio Pardo à Vila Franca do Imperador. Ribeirão Preto: Ribeira Gráfica e Editora Ltda, 1986.
- CHIAVENATO, Idalberto. Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor: empreendedorismo e viabilidade de novas empresas: um guia eficiente para iniciar e tocar seu próprio negócio. São Paulo: Saraiva, 2007, 2ª ed. rev.
- COUTINHO, Antonio. *Couro Cru*: Origens do pólo calçadista de Franca (1820/1950). Franca(SP): Ribeirão Gráfica, 2008.
- COUTINHO, Antonio. *Couro Cru*: Origens do pólo calçadista de Franca (1820/1950). Franca(SP): Gráfica Uni, 2013. 2ª ed.
- DAFT, Richard L. Administração. São Paulo: Cenage Learning, 2010.
- DOLABELA, Fernando. O segredo de Luísa. São Paulo: Cultura, 1999.
- DOLABELA, Fernando. O segredo de Luísa. 30ª ed. São Paulo: Cultura, 2006.
- MAXIMIANO, Antonio C. A. Teoria geral da administração: da revolução urbana à revolução digital. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- MAXIMIANO, Antonio C. A. Teoria geral da administração. São Paulo: Atlas, 2009.
- NAVARRO, Vera Lúcia. A produção de calçado de couro em Franca(SP) e reestruturação produtiva e seus impactos sobre o trabalho. Araraquara(SP): 1998. Dissertação de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Araraquara. 1998.
- OLIVEIRA, Shayene N. Oliveira E. Pesponto: Organização da área de trabalho e reciclagem coletiva do lixo 2012. Dissertação de Graduação de Tecnólogo em Gestão da Produção Industrial, Faculdade de Tecnologia “Dr. Thomaz Novelino” – Fatec Franca-SP.

SARKAR, SOUMODIP. O empreendedor inovador: faça diferente e conquiste seu espaço no mercado. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

TOSI, Pedro Geraldo. Capitais no interior: Franca e a história da indústria coureiro calçadista (1860-1945): 1998. Dissertação de Doutorado em Economia, Universidade Estadual de Campinas-SP, 1998.

VERGARA, Sylvia Constant. Métodos de pesquisa em administração. São Paulo: Atlas, 2006.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE FRANCA - site:
<http://www.misfranca.com.br/acervo/1228/calçados-jaguar.html> Acesso: 07/10/2014.

ANEXO A

- 1- NA SUA OPINIÃO, QUAIS OS FORAM OS PRINCIPAIS FATORES QUE FAVORECERAM PARA O SURGIMENTO DA INDÚSTRIA CALÇADISTA EM FRANCA?
- 2- QUEM FORAM OS PRINCIPAIS PERSONAGENS (ATORES) DA HISTÓRIA CALÇADISTA FRANCA? (DESDE O COMEÇO, AQUELES QUE REALMENTE FIZERAM A DIFERENÇA PARA O SEGMENTO).
- 3- EM SUA OPINIÃO, HOVE UM EMPREENDEDORISMO CALÇADISTA CONSCIENTE? QUAIS?
- 4- QUAL SERIA A PRINCIPAL MOTIVAÇÃO EMPREENDEDORA DAS ORIGENS CALÇADISTA DE FRANCA?
- 5- VOCÊ CONSIDERA QUE A ORIGEM CALÇADISTA DA CIDADE, FOI FRUTO DO ACASO OU UM EMPREENDIMENTO DIRECIONADO? EXEMPLIFIQUE.

ANEXO B

QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS AUTORES PESQUISADOS

1- NA SUA OPINIÃO QUAIS OS FORAM OS PRINCIPAIS FATORES QUE FAVORECERAM PARA O SURGIMENTO DA INDÚSTRIA CALÇADISTA EM FRANCA?

Barbosa

Franca está localizada em uma região historicamente voltada à pecuária, o que, por conseguinte, proporcionou a abundância do couro nesse território. Uma condição histórica em especial, entre outras de menor relevo, possibilitou o estabelecimento de um mercado consumidor para os produtos derivados da transformação da matéria-prima originada da atividade criatória, assim como o escoamento para Franca de couros vindos de outras regiões: a Vila Franca do Imperador foi um dos principais entrepostos da chamada “Estrada dos Goiases”, importante rota de comércio que ligava a capital da província de São Paulo aos sertões de Goiás e Mato Grosso. Desse modo, para atender as necessidades dos tropeiros e mercadores que transitavam pela afamada “Estrada dos Goiases”, um dos mais importantes caminhos de boiadas, os artesãos locais, desde a década de 1820, já produziam arreios, sapatões de atanado, sandálias, coberturas para carros de bois, bainhas para facas, lombinhos, silhões, badanas e canastras, entre outros artigos de couro. Certamente, foi o fluxo intenso de couros por esta estrada que estimulou o surgimento de curtumes em Franca já na década de 1880. Não resta dúvida também que os capitais da cafeicultura contribuíram para ampliar o mercado consumidor local para as atividades ligadas ao couro.

Coutinho

O principal fator não foi econômico - tais como: disponibilidade de matéria-prima, de mão-de-obra, dentre outros. A formação do pólo calçadista francano decorreu fundamentalmente de um comportamento coletivo singular: empregados de fábricas tornarem-se empreendedores, tendo como motivação o sucesso de seus empregadores, que também haviam sido funcionários. Este fenômeno, de fábricas servirem de incubadoras para a formação de fabricantes, de ex-sapareiros tornarem-se empresários, perdura até nossos dias, embora com muito menor intensidade.

Tosi

O surgimento de qualquer atividade econômica, em especial a indústria, tem um forte condicionante que é a localização.

Em termos de localização Franca sempre foi um aglomerado habitacional situado entre regiões abastecedoras e regiões consumidoras e o povoamento tem implicações importantes no adensamento daquilo que muitos autores chamaram entrantes do Rio Pardo, ou entrantes do Sertão do Rio Pardo. Mesmo que essa expressão diga mais respeito à vertente do Rio Pardo Proveniente da Região de São Simão/Ribeirão Preto no século XIX, é necessário esclarecer que o Rio Sapucaí e a rota comercial mineira proveniente da Comarca do Rio das Mortes já exercia um papel de povoamento e de passagem anteriores ao século XIX para se chegar ao assim chamado Triângulo Mineiro.

A suavidade do relevo nessa porção paulista, que diga-se era de tempos em tempos considerada solo das Minas Gerais, é muito diferente do equidistante que irá

encontrar a Serra da Canastra. Os chamados chapadões eram um convite à entrada de mineiros e tropeiros que procuravam os mercados e as minas de Goiás.

É, então, na condição de entreposto que a Vila irá reunir ofícios ligados à atividade coureira, já que nos tempos coloniais o couro era material indispensável aos transportes, tanto quanto a madeira e a argila eram para as habitações.

Para além da condição de entreposto e das atividades de manutenção dos transportes - acondicionamento de mercadorias, arriatas, correias, bainhas e vestuário, o povoamento reunirá condições de solo, relevo e clima adequadas à salga, secagem e curtimento de couros. A vegetação nativa composta de árvores - barbatimão e imbaúva - ricas em tanino, aliada à disponibilidade de água, não tardou a ser equacionada no sentido de produzir matéria prima tão necessária naqueles tempos.

Com a chegada do século XX, a região já era próspera produtora de café mediante o emprego do trabalho livre e dotada de ferrovia capaz de escoar e trazer mercadorias, pessoas e maquinários. Nesse ponto houve a integração entre urbanização da vida, produção e comercialização de bens destinados ao mercado interno e externo, introdução de máquinas e procedimentos capazes de incrementar a produção do couro e a do calçado. A localidade se integra ao processo de substituição de importações e se consolida nos mercados de exportação de café e interno de alimentos e de produtos industrializados para alimentação e vestuário. É possível comprovar por meio de documentação que não só o café compunha as exportações, couros eram em quantidades e valores infinitamente menores, mas ele esteve presente, mormente em períodos de guerra que são ocasiões nas quais o couro sofria incremento da demanda.

Assim, os atores que compuseram a saga do surgimento da indústria coureiro-calçadista reuniram capitais provenientes da cafeicultura, tecnologia proveniente de países industrializados e matérias primas e trabalhos locais capazes de transformar investimento em atividade e atividade em riqueza industrial.

2- QUEM FORAM OS PRINCIPAIS PERSONAGENS (ATORES) DA HISTÓRIA CALÇADISTA FRANCA? (DESDE O COMEÇO, AQUELES QUE REALMENTE FIZERAM A DIFERENÇA PARA O SEGMENTO).

Barbosa

Dois irmãos, filhos de imigrantes espanhóis, Antonio Lopes de Mello e Miguel Sábio de Mello, foram os primeiros a realmente fazer a diferença quando se pensa na moderna indústria de calçados em Franca, que emerge na década de 1940. Na década de 1920 tem-se Carlos Pacheco, fundador da Calçados Jaguar, no entanto, ela sucumbe com menos de uma década de vida. A trajetória dos irmãos Mello foi duradoura e propiciaram uma espécie de paradigma aos demais fabricantes. A iniciativa de Antonio Lopes de Mello em promover a mecanização da sua indústria em 1936, substituindo logo em seguida o recém-adquirido maquinário alemão por equipamentos norte-americanos obtidos sob a forma de arrendamento à *United Shoe Machinery Company*, procedimento que serviu de exemplo a outros pequenos industriais locais, pode ser considerada a primeira demonstração de empreendimento de “novas combinações” dos meios de produção (materialização do que Joseph Schumpeter chamou de empreendedorismo) após a malograda experiência da “Calçados Jaguar” em meados dos anos 20. Em um ambiente econômico marcado pelo predomínio do pequeno capital, a possibilidade de dispor de equipamentos para a mecanização das empresas sem grande dispêndio de

recursos certamente teve um aspecto *revolucionário*. Na seqüência imediata desse fato, deram-se a introdução de diversas outras “novas combinações” pelas mãos de alguns empresários, tais como a disseminação generalizada de métodos e técnicas de racionalização da produção e a inovação conceitual da estética do calçado trazida pela fabricação do *mocassin*, o que contribuiu para a expansão e afirmação do parque calçadista local nos anos 40/50. Certamente, homens como Antonio Lopes de Mello e Miguel Sábio de Mello cumpriram o papel da liderança que, segundo Schumpeter, “dirige os meios de produção para novos canais” e “arrasta outros produtores de seu ramo atrás de si”

Coutinho

Carlos Pacheco de Macedo, ex-seleiro que fundou a primeira fábrica de calçados da cidade, a Jaguar. É o principal personagem, pelo pioneirismo. Na seqüência vieram Antônio Lopes de Mello, Miguel Sábio de Mello, João Palermo, Pedro Spessoto e Hercílio Batista Avelar. As suas fábricas (Calçados Mello, Samello, Palermo, Spessoto e Peixe) foram às matrizes do pólo calçadista francano. Serviram de plataforma para o surgimento de outras.

Tosi

O Padre Alonso Ferreira de Carvalho foi o primeiro investidor emprestando dinheiro e, quando os tomadores não deram conta, ele assumiu a atividade rudimentar de curtir couro em tanques com cavacos de madeira. Os chamados atanados eram secos em um barracão coberto de sapé.

O Coronel Elias Motta, conhecido proprietário de uma selaria, foi um dos pioneiros na importação de máquinas e insumos para a montagem do que viria a ser o curtume Progresso. O curtimento utilizando produtos químicos importados não teve êxito até o final da Primeira Grande Guerra.

O carreiro Carlos Pacheco de Macedo, que havia comprado a selaria de Elias Motta, possuía também uma loja destinada a vender produtos para selaria e consertos de calçados - nessa época a maioria dos calçados vinha da capital e de cidades a ela adjacentes - Santos, Campinas, Sorocaba e Jundiá.

Em 1919, com a morte da primeira mulher - Francisca Luiza de Macedo, Carlos Pacheco de Macedo reúne valores decorrentes do espólio e assume os equipamentos de curtição antes comprados por Elias Motta associando a Joseph Marx e Hans Marx formando o Curtume Progresso.

A selaria e loja de suprimentos para a atividade coureira são transformadas em fábrica de calçados que fica sob o comando de seus dois genros - irmãos provenientes do Rio de Janeiro, que trazem máquinas e motores que irão compor a Fábrica de Calçado Jaguar. Os irmãos Arnaldo Pacheco Ferreira dos Santos e Samuel Carlos Ferreira dos Santos, mediante empréstimo fornecido por Alice Cruz Ferreira dos Santos, junto com o sócio comanditário responsável técnico Hercílio Baptista Avelar.

3- EM SUA OPINIÃO HOVE UM EMPREENDEDORISMO CALÇADISTA CONSCIENTE? QUAIS?

Barbosa

Sim, a busca por referenciais tecnológicos e de organização no mercado internacional, fator crucial para a obtenção de competitividade nos negócios, foi levada a efeito nos anos 1940 e 1950 com as iniciativas das

empresas *Mello* e *Samello*, seguida depois por diversas empresas no decênio seguinte. Participante da experiência da “Calçados Jaguar”, Lopes de Mello evidenciou em sua estratégia empresarial a consciência de que somente o risco da inovação, por meio da mecanização e da mudança de paradigmas tecnológicos, poderia dar ao seu produto a competitividade necessária em face da concorrência com as grandes empresas da Capital e um grande número de pequenas oficinas. Ao assumir o risco da implantação de um sistema totalmente novo em sua fábrica, arrendando máquinas junto a *United Shoe Machinery Company* e introduzindo o método de produção propiciado por esse equipamento, Antonio Lopes de Mello pôde colher os frutos decorrentes das inúmeras possibilidades oferecidas por um mercado interno em rápida expansão. A técnica da *USMC* representava um significativo avanço em relação aos procedimentos até então utilizados, pois seu maquinário trabalhava com o processo *Goodyear*, pelo qual as solas não eram mais pregadas com tachinhas, mas coladas por pressão ao cabedal do sapato. Em uma indústria de mão-de-obra intensiva como a do calçado, a economia trazida por essa inovação seguramente foi expressiva.

Dentre os que seguiram os passos de Antonio Lopes de Mello, indubitavelmente nenhum outro sobrenome conheceu maior *fortuna* na indústria local que o dos Sábios de Mello. Se até os anos 40, Lopes de Mello era o empreendedor cujas inovações delineavam os rumos a serem seguidos na indústria em Franca, a partir da década de 1950 – e pelas três seguintes – as idéias de Miguel Sábio de Mello e Wilson Sábio de Mello passaram a guiar os destinos da fabricação de calçados no município. Miguel e Wilson, pai e filho, respectivamente também irmão e sobrinho de Antonio Lopes de Mello, foram também homens que souberam “dirigir o barco no rumo certo”. Sem exagero, o empreendedorismo schumpeteriano dos Sábios de Mello desencadeou transformações em toda a estrutura produtiva da indústria de calçados de Franca, assim como da indústria calçadista brasileira em seu conjunto, não se restringindo aos muros da *Samello*. Não apenas inovações levadas a efeito pela empresa dos Sábios de Mello foram rapidamente introduzidas por quase todas as outras fábricas, como a *Samello* foi um “celeiro” de novos empreendedores que reproduziram em suas próprias empresas o conhecimento adquirido na empregadora de outrora. Empresas importantes do setor, como a *Agabê* e a *Jacometti*, são exemplos do que Wilson Sábio de Mello chamava de indústrias originadas a partir de “homens-Samello”.

Coutinho

Com relação aos empreendedores do passado, é temerário dizer se tinham conhecimento das possibilidades e dos impedimentos de se tornarem bem-sucedidos. É certo que alguns deles detinham mais que habilidades técnicas, possuíam também talento para negócios. Acredito que a maioria iniciava-se na fabricação motivada exclusivamente na imitação, espelhando no ex-companheiro que se tornara pequeno empresário. Tanto é que desde o início do pólo, no começo de 1940, sempre houve uma rotatividade muito grande de calçadistas, uma constante entrada e saída de fabricantes no mercado.

Tosi

Penso que todos os envolvidos na atividade de transformação do couro em calçado ou em outro produto qualquer naquela época em Franca, tiveram de algum modo contato com o mercado interno, como carreiro, como seleiro, como negociante. Os documentos mostram que havia intensos envolvimento entre as pessoas com o

intuito de formarem empresas e fazer negócios. Penso que a Primeira Guerra deve ter contribuído com o aumento da escassez de produtos industrializados e com o aumento da demanda de matérias primas. Essa situação irá propiciar aqueles que reuniam algum capital, condições técnicas de produção e conhecimento do mercado. As sociedades eram comanditárias em sua maioria, o que significa uma forte divisão entre os que entravam com capital e se tornavam responsáveis pelas obrigações financeiras do negócio e os sócios comanditários responsáveis técnicos que não entravam com capital, mas detinham conhecimentos capazes de fazer a produção andar. Aliado a isso havia uma farta oferta de mão de obra de trabalhadores nacionais e de descendentes de imigrantes capazes de realizar tarefas complexas na produção de sapatos.

A consulta aos documentos da falência dessas empresas, que ocorreu em 1924, evidencia que havia uma rede de empréstimos privados - a mãe de Hercílio Avelar eram um desses emprestadores privados - e a presença de corretoras de crédito como a Benincasa da cidade de Batatais que apareceram como credores quirografários da massa falida.

Uma massa falida, que aliás, incluía até uma fábrica de fósforos, a fósforos Soberanos.

Então, se empreendedorismo significa mobilizar - no sentido de Werner Sombart: capitais, técnicas, conhecimentos sobre o mercado de modo a fazer um negócio funcionar; houve empreendedorismo no início da fabricação do calçado em Franca.

Se pensarmos em termos de Fernand Braudel, que atribui ao capitalista uma capacidade de mobilizar informações e fazer dessas informações algo que o circuito de mercado possa absorver nas duas pontas da demanda por insumos e matéria prima ou capitais - mobilizar capital fixo e capital variável - com o objetivo de suprir uma oferta conhecida; tivemos empreendedorismo sim.

Todavia, se empreendedorismo significar inovação no sentido de Schumpeter que é o de aplicar técnicas novas, ou produzir coisas novas que o mercado desconhecia e passou a incorporar como demanda, ou ainda, colocar um capital de gestão a serviço de um negócio, isso não encontraremos no alvorecer dessa indústria.

4- QUAL SERIA A PRINCIPAL MOTIVAÇÃO EMPREENDEDORA DAS ORIGENS CALÇADISTA DE FRANCA?

Barbosa

Com toda sinceridade, penso que a motivação empreendedora inicial era a tentativa de superação da condição de pobreza do mundo rural, tendo em vista tratar-se de filhos de trabalhadores rurais (empregados nas fazendas de café da região) que vieram para a cidade em busca do aprendizado de um ofício urbano (no caso, o de sapateiro). Transpor a condição social original parece ser o que move esses homens a buscarem trilhar um caminho já percorrido em outros lugares (EUA, Europa), mas ainda desconhecido por aqui. A "janela de oportunidade" apresentada pela USMC cumpriu papel-chave nesse processo.

Coutinho

Seguir o exemplo do amigo ou do conhecido que era sapateiro e se torna pequeno fabricante, conforme já citamos.

Tosi

Há uma teoria, a de que a industrialização brasileira decorreu de impactos adversos: guerras e crise de 1929. Creio que ela sozinha não explica o fenômeno na medida em que salienta as dificuldades do mercado internacional abastecer os mercados periféricos com produtos industrializados e matérias primas. Isso teria induzido o investimento em industrialização substitutiva de importações. É necessário explicitar de onde saíam os capitais necessários e que tipo de arranjo adaptativo foram indispensáveis para que produção de bens e satisfação de necessidades de mercado fossem levadas a cabo. Penso que se não fossem as receitas provenientes da exportação de café e a política cambial que favorecia os exportadores, não teria ocorrido a indução da indústria substitutiva de importações e, para o caso, a indústria de Franca.

5- VOCÊ CONSIDERA QUE A ORIGEM CALÇADISTA DA CIDADE, FOI FRUTO DO ACASO OU UM EMPREENDIMENTO DIRECIONADO? EXEMPLIFIQUE.**Barbosa**

Penso que o que está na Questão 3 já exemplifica idéia que tenho acerca de um empreendimento direcionado na origem do setor calçadista em Franca.

Coutinho

Acredito ter sido fruto do acaso, já que o comportamento coletivo de se tornar empreendedor por imitação era um sentimento, uma vontade de "ser alguém na vida", e não uma iniciativa de várias pessoas discutida em grupos.

Tosi

Conforme explicitado acima, todas as variáveis elencadas não sugerem qualquer interferência do acaso e sim de variáveis muito bem identificáveis historicamente. Particularmente eu penso que nada daquilo que o homem executa em sociedade é por acaso.